



O TABULEIRO SOBRE O SARCÓFAGO: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICO-DIALÉTICA DO COLAPSO DO LIVRE-ARBÍTRIO EM 'OS JOGADORES DE XADREZ' DE MORITZ RETZSCH

THE CHESSBOARD ON THE SARCOPHAGUS: A HERMENEUTIC-DIALECTICAL ANALYSIS OF THE COLLAPSE OF FREE WILL IN MORITZ RETZSCH'S 'THE CHESS PLAYERS'

EL TABLERO SOBRE EL SARCÓFAGO: UN ANÁLISIS HERMENÉUTICO-DIALÉCTICO DEL COLAPSO DEL LIBRE ALBEDRÍO EN 'LOS JUGADORES DE AJEDREZ' DE MORITZ RETZSCH

Leandro Maia Leão¹, Flávia Brito Carvalho Andrade², Melquisedeque Carlos Feitosa³, Carlos Eduardo da Silva Galante⁴, Boaventura da Silva Leite Filho⁵, Francy Mauro Lins Menezes Ferreira⁶, José Heber de Souza Aguiar⁷, Jocyliene Silva da Silva⁸, Neudson Rosa Gonçalves⁹, Luciana da Silva Viana¹⁰

e747772

<https://doi.org/10.47820/recima21.v7i4.7772>

PUBLICADO: 04/2026

RESUMO

A tela *Os Jogadores de Xadrez* (1831), de Retzsch, configura-se como uma alegoria iconográfica sobre a condição humana, extrapolando a dualidade teológica tradicional para ilustrar a fratura do livre-arbítrio. Tratou-se de uma pesquisa qualitativa fundamentada na análise hermenêutico-dialética. O percurso analítico estruturou-se em três eixos (Tese, Antítese e Síntese), utilizando obras clássicas de Platão (*A República*), Kant (*Fundamentação da Metafísica dos Costumes*), Spinoza (*Ética*), Nietzsche (*Genealogia da Moral* e *Crepúsculo dos Ídolos*), Sartre (*O Ser e o Nada*) e Camus (*O Mito de Sísifo*) para decodificar e tensionar os elementos simbólicos da pintura. A hermenêutica revelou perspectivas distintas: identificou-se a inércia do anjo platônico e o peso do dever moral kantiano no lado humano; o domínio de Mefistófeles como representante do determinismo spinozano e da "moral dos senhores" de Nietzsche; e o isolamento do jovem frente ao sarcófago como a materialização da angústia sartriana e do absurdo camusiano. O embate dialético evidenciou o esmagamento da agência humana.

¹ Graduado em Enfermagem pelo Centro Universitário CESMAC, Pós-graduado (Lato Sensu) em Hemoterapia e Terapia Celular pela Universidade Iguçu (UNIG).

² Graduanda em Pedagogia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

³ Graduado em Psicologia pelo Centro Universitário CESMAC, Pós-graduado (Lato Sensu) em Psicologia e Ação Psicossocial pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).

⁴ Graduado em Direito pela Faculdade Processus (PROCESSUS), Graduado em História pelo Instituto Superior de Educação Samambaia (IESA), Mestre em Direito Internacional pela Universidad San Carlos (USC).

⁵ Graduado em Licenciatura em Química pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Graduado em Licenciatura em Educação Física pela Faculdade Albert Einstein (FALBE), Pós-graduado (Lato Sensu) em Química pela Universidade Federal de Lavras (UFLA).

⁶ Graduado em Licenciatura Plena em Química pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Graduado em Licenciatura em Matemática pela Faculdade EDUCAMAIS (EDUCA+), Graduado em Pedagogia pela Universidade do Cabo Verde (UNICV), Mestre em Ciências da Educação pela Word Ecumenical University (WEU).

⁷ Graduado em Teologia pela Universidade La Salle (UNILASALLE), Graduado em Pedagogia pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Graduado em História pela Faculdade Única de Ipatinga (FUNIP) e Mestre em Teologia pela Faculdade EST.

⁸ Graduanda em Pedagogia pela Faculdade Sucesso (FAS), Graduanda em História pelo Instituto Federal do Amazonas (IFAM), Graduanda em Letras (Português) pelo Centro Universitário Leonardo da Vinci (UNIASSELVI), Graduanda em Filosofia pela Faculdade Faveni.

⁹ Graduado em Pedagogia pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), Pós-graduado (Lato Sensu) em Administração Escolar pela Universidade Candido Mendes (UCAM), Graduado em Educação Física pela Faculdade Albert Einstein de São Paulo (FAESP), Mestrando em Ciências da Educação pela Universidad Del Sol (UNADES).

¹⁰ Graduanda em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Mestre em Química e Biotecnologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Doutora em Química e Biotecnologia pela Universidade Federal de Alagoas (UFAL).



A exigência do imperativo moral colapsou perante a força irresistível da matéria e dos instintos, abandonando o indivíduo à vertigem da sua própria responsabilidade em um cenário onde o fim está selado. Inferiu-se que a obra transcende o século XIX, antecipando visualmente a crise da subjetividade moderna. A finitude inescapável (o sarcófago) anula as ilusões metafísicas de salvação, restando ao sujeito unicamente a revolta consciente diante do seu destino.

PALAVRAS-CHAVE: Os jogadores de xadrez. Filosofia. Análise hermenêutico-dialética.

ABSTRACT

*The painting *The Chess Players* (1831), by Retzsch, is configured as an iconographic allegory about the human condition, extrapolating traditional theological duality to illustrate the fracture of free will. This was a qualitative research based on hermeneutic-dialectical analysis. The analytical path was structured into three axes (Thesis, Antithesis, and Synthesis), using classic works by Plato (*The Republic*), Kant (*Groundwork of the Metaphysics of Morals*), Spinoza (*Ethics*), Nietzsche (*On the Genealogy of Morality* and *Twilight of the Idols*), Sartre (*Being and Nothingness*), and Camus (*The Myth of Sisyphus*) to decode and tension the symbolic elements of the painting. Hermeneutics revealed distinct perspectives: the inertia of the Platonic angel and the weight of Kantian moral duty on the human side were identified; Mephistopheles' domain as representative of Spinozian determinism and Nietzsche's "master morality"; and the youth's isolation facing the sarcophagus as the materialization of Sartrean anguish and Camusian absurdity. The dialectical clash evidenced the crushing of human agency. The demand of the moral imperative collapsed before the irresistible force of matter and instincts, abandoning the individual to the vertigo of their own responsibility in a scenario where the end is sealed. It was inferred that the artwork transcends the 19th century, visually anticipating the crisis of modern subjectivity. The inescapable finitude (the sarcophagus) nullifies metaphysical illusions of salvation, leaving the subject solely with conscious revolt facing their destiny.*

KEYWORDS: *The chess players. Philosophy. Hermeneutic-dialectical analysis.*

RESUMEN

*El lienzo *Los Jugadores de Ajedrez* (1831), de Retzsch, se configura como una alegoría iconográfica sobre la condición humana, extrapolando la dualidad teológica tradicional para ilustrar la fractura del libre albedrío. Se trató de una investigación cualitativa fundamentada en el análisis hermenéutico-dialéctico. El recorrido analítico se estructuró en tres ejes (Tesis, Antítesis y Síntesis), utilizando obras clásicas de Platón (*La República*), Kant (*Fundamentación de la Metafísica de las Costumbres*), Spinoza (*Ética*), Nietzsche (*La Genealogía de la Moral* y *El Crepúsculo de los Ídolos*), Sartre (*El Ser y la Nada*) y Camus (*El Mito de Sísifo*) para decodificar y tensar los elementos simbólicos de la pintura. La hermenéutica reveló perspectivas distintas: se identificó la inercia del ángel platónico y el peso del deber moral kantiano en el lado humano; el dominio de Mefistófeles como representante del determinismo spinoziano y de la "moral de los señores" de Nietzsche; y el aislamiento del joven frente al sarcófago como la materialización de la angustia sartreana y del absurdo camusiano. El embate dialéctico evidenció el aplastamiento de la agencia humana. La exigencia del imperativo moral colapsó ante la fuerza irresistible de la materia y de los instintos, abandonando al individuo al vértigo de su propia responsabilidad en un escenario donde el fin está sellado. Se infirió que la obra trasciende el siglo XIX, anticipando visualmente la crisis de la subjetividad moderna. La finitud ineludible (el sarcófago) anula las ilusiones metafísicas de salvación, restando al sujeto únicamente la rebelión consciente frente a su destino.*

PALABRAS-CLAVE: *Los jugadores de ajedrez. Filosofía. Análisis hermenéutico-dialéctico.*



1. INTRODUÇÃO

A arte, ao longo da história, tem atuado não apenas como um registro estético de sua época, mas como um espelho das angústias e contradições estruturais inerentes à condição humana. Na tela "Os Jogadores de Xadrez" ([1831] 2025) (originalmente *Die Schachspieler*), concebida pelo pintor alemão Friedrich August Moritz Retzsch, essa premissa atinge um grau de densidade filosófica singular. A composição apresenta uma disputa lúgubre e teatral: um jovem, encarnando a fragilidade e a moralidade humanas, joga xadrez contra a figura astuta e predatória de Mefistófeles (o Diabo), enquanto um anjo de feições melancólicas e postura inerte observa a cena ao fundo. O tabuleiro, assentado sobre um sarcófago adornado por crânios, eleva a partida de um mero jogo estratégico para um ultimato existencial incontornável sobre a vida, a morte e a agência humana, sendo essa a representação visual submetida a análise filosófica como objeto de estudo deste artigo.

Embora uma leitura superficial da obra possa confiná-la a uma alegoria teológica tradicional do Bem contra o Mal, a decodificação de seus elementos iconográficos revela um tratado visual profundo sobre o colapso do livre-arbítrio humano. As peças de xadrez brancas são finamente esculpidas como alegorias de virtudes (paz, religião, esperança), enquanto as pretas representam os vícios (orgulho, luxúria, falsidade). Essa contraposição simbólica, aliada ao colapso psicológico evidente na postura do jovem encurralado no tabuleiro, convida o observador a um debate incômodo sobre os limites da liberdade de escolha perante a força esmagadora da matéria e das contingências.

Diante da complexidade narrativa desta tela, o presente artigo teve como objetivo analisar a obra "Os Jogadores de Xadrez" de Retzsch através do método hermenêutico-dialético (Minayo, 2014). O referencial metodológico justificou-se pela sua capacidade de dupla articulação: enquanto a hermenêutica permitiu a interpretação profunda e a extração de sentido dos símbolos visuais da tela de maneira individual de como cada autor abordaria a temática segundo suas obras, símbolos como a inércia do anjo, o sarcófago e o próprio tabuleiro, e a dialética atuou tensionando as contradições inerentes à condição do jovem protagonista, evidenciando o choque entre o que lhe é moralmente exigido e a realidade material que o esmaga, onde a tensão foi analisada segundo os olhares dos autores utilizados no presente artigo.

Para estruturar esta tensão, a análise fundamentou-se em um percurso teórico dividido em três eixos fundamentais que percorrem a história do pensamento ocidental. No primeiro eixo (A Tese) investigou-se o peso do ideal inatingível e da coerção do dever moral, sustentando-se no dualismo metafísico de Platão ([c. 380 a.C.] 2000) e na formulação do imperativo categórico de Kant ([1785] 1988).

O segundo eixo (A Antítese) promoveu a ruptura dessa ordem moral por meio da força irresistível da matéria, utilizando o determinismo natural de Spinoza ([1677] 2008) e a desconstrução radical dos valores socrático-cristãos operada por Nietzsche ([1887] 1998; [1889] 1987).



Por fim, o terceiro eixo (A Síntese) lidou com os escombros desse embate, lançando luz sobre o isolamento do sujeito frente à morte iminente. Para tal, foram mobilizados os conceitos de angústia e má-fé da ontologia fenomenológica de Sartre ([1943] 1993), culminando na aceitação e revolta perante a condição do absurdo, conforme delineado por Camus ([1942] 2010).

Através desse movimento dialético, buscou-se demonstrar que a pintura de Retzsch transcende a moldura do século XIX para firmar-se como um microcosmo da própria crise da subjetividade moderna, ilustrando a agonia crônica do ser humano que se descobre irremediavelmente só, responsabilizado por suas próprias escolhas em um tabuleiro (a vida) cujas regras ele não domina plenamente, e tendo o sarcófago (a morte) como sua única certeza.

2. MÉTODOS

Tratou-se de uma pesquisa de natureza qualitativa (Minayo, 2014), de caráter exploratório e descritivo (Gil, 2022), fundamentada na articulação entre levantamento bibliográfico (Marconi; Lakatos, 2021) e análise documental (Cellard, 2012) de fonte iconográfica (Panofsky, 2007).

A obra visual foi acessada e extraída em formato digital e em alta resolução a partir do acervo de domínio público *Wikimedia Commons* (Retzsch, [1831] 2025), servindo como material-base para a decodificação dos elementos simbólicos e alegóricos presentes na composição. As obras de Retzsch já se encontram em domínio público de acordo com a Lei de Direitos Autorais nº 9.610/1998, art. 41 (Brasil, 1998).

O delineamento analítico da pesquisa ancorou-se no método hermenêutico-dialético, conforme os pressupostos teóricos de Minayo (2014). A aplicação da hermenêutica objetivou a interpretação aprofundada das expressões fenomênicas e iconográficas da tela, tais como a postura de colapso do jovem, a inércia do anjo, a voracidade de Mefistófeles e o tabuleiro assentado sobre um sarcófago. Simultaneamente, a dialética foi empregada como ferramenta crítica para tensionar as contradições essenciais reveladas por esses símbolos, contrapondo o livre-arbitrio e o dever moral à força esmagadora da matéria e da finitude.

Para a consecução da análise e a estruturação do debate filosófico, o percurso teórico-metodológico foi delineado em três eixos de discussão progressivos, nos quais a imagem foi submetida ao crivo das obras selecionadas no levantamento bibliográfico:

Eixo 1: A Tese (O Ideal e o Dever Moral): Consistiu na análise da face luminosa da tela (o anjo e as peças das virtudes). Para isso, utilizou-se o dualismo metafísico estabelecido no Livro VII de *A República*, de Platão ([c. 380 a.C.] 2000), e os preceitos do imperativo categórico formulados na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, de Kant ([1785] 1988), a fim de interpretar o peso da exigência moral sobre o indivíduo.



Eixo 2: A Antítese (O Determinismo e a Ruptura Moral): Focou-se no domínio de Mefistófeles e na materialidade do tabuleiro. Empregou-se o conceito de servidão humana delineado na Parte IV da *Ética*, de Spinoza ([1677] 2008), conjugado com a desconstrução radical dos valores platônico-cristãos operada na *Genealogia da Moral* e em *O Crepúsculo dos Ídolos*, de Nietzsche ([1887] 1998; [1889] 1987), para demonstrar o esmagamento da agência humana pela natureza e pela "moral dos senhores".

Eixo 3: A Síntese (A Angústia e o Absurdo Existencial): Direcionou-se à figura central do jovem e ao sarcófago (a morte). Mobilizou-se a ontologia presente em *O Ser e o Nada*, de Sartre ([1943] 1993), para diagnosticar a angústia e a má-fé perante a liberdade absoluta, culminando com a noção de absurdo e revolta consciente discutida em *O Mito de Sísifo*, de Camus ([1942] 2010), como desfecho do embate existencial.

A ordenação dos autores e suas obras em categorias da análise pode ser visualizada em sua totalidade no Quadro 1. Através desta categorização metodológica, garantiu-se que a obra de arte não fosse tratada apenas como ilustração, mas como um texto visual tensionado dialeticamente pelas correntes filosóficas estabelecidas.

Quadro 1. Estruturação dos eixos de análise hermenêutico-dialética e referencial teórico

EIXO DIALÉTICO	FOCO ANALÍTICO NA PINTURA (HERMENÊUTICA)	AUTORES E OBRAS DE REFERÊNCIA	CONCEITOS E OBJETIVO ANALÍTICO
Eixo 1: A Tese (O Ideal e o Dever Moral)	Face luminosa da tela (o anjo passivo) e as peças representantes das virtudes brancas.	Platão (<i>A República</i> , Livro VII, [c. 380 a.C.] 2000); Kant (<i>Fundamentação da Metafísica dos Costumes</i> , [1785] 1988).	Conceitos: O dualismo metafísico; imperativo categórico. Objetivo: Interpretar o peso e a coerção da exigência moral sobre o indivíduo.
Eixo 2: A Antítese (O Determinismo e a Ruptura Moral)	Domínio predatório de Mefistófeles e a inexorabilidade material do tabuleiro de xadrez.	Spinoza (<i>Ética</i> , Parte IV, [1677] 2008); Nietzsche (<i>Genealogia da Moral</i> , [1887] 1998; <i>O Crepúsculo dos Ídolos</i> , [1889] 1987).	Conceitos: A servidão humana; desconstrução dos valores platônico-cristãos; moral dos senhores. Objetivo: Demonstrar o esmagamento da agência humana pela natureza e pela força do instinto.
Eixo 3: A Síntese (A Angústia e o Absurdo Existencial)	Figura central do jovem em colapso e o sarcófago adornado por crânios (a morte).	Sartre (<i>O Ser e o Nada</i> , [1943] 1993); Camus (<i>O Mito de Sísifo</i> , [1942] 2010).	Conceitos: Liberdade absoluta; angústia; má-fé; absurdo; revolta consciente. Objetivo: Diagnosticar o isolamento do sujeito perante a finitude e o desfecho do embate existencial.

Fonte: Autores (2026).

3. RESULTADOS

A aplicação do escrutínio hermenêutico sobre a tela *Os Jogadores de Xadrez* ([1831] 2025), de Retzsch, permitiu decodificar a composição pictórica em unidades de significado filosófico. Observou-se que a obra transcende a representação literal de uma partida teológica, fragmentando-se em



alegorias visuais precisas (a inércia celestial, a fragilidade humana, o determinismo material e a finitude). Os resultados dessa decodificação revelaram seis perspectivas iconográficas distintas, extraídas diretamente da aplicação das lentes teóricas de cada autor sobre os elementos da pintura, conforme detalhado nos subitens a seguir.

3.1. A perspectiva sob a ótica de Platão ([c. 380 a.C.] 2000)

Através da lente do dualismo platônico expresso no Livro VII de *A República*, identificou-se na tela a representação visual da "Alegoria da Caverna". O anjo, posicionado ao fundo, estático e banhado em uma luz sutil, foi classificado como a projeção do Mundo Inteligível (o domínio das Formas perfeitas e do Bem). Em contrapartida, o jovem protagonista revelou-se como o prisioneiro acorrentado ao Mundo Sensível. A sua fixação absoluta no tabuleiro e nas peças de xadrez demonstrou a sua ilusão e o seu aprisionamento às "sombras" materiais da existência, ignorando a luz verdadeira que repousa, inalcançável, atrás de si.

3.2. A perspectiva sob a ótica de Kant ([1785] 1988)

Sob o rigor da *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, observou-se a tela como a materialização do esmagamento do indivíduo pelo dever. As peças brancas sob o comando do jovem, esculpidas sob a forma de virtudes (como a esperança e a religião), foram categorizadas como as exigências do Imperativo Categórico. Constatou-se que o colapso psicológico do jovem não decorre apenas do medo de perder, mas do peso insuportável de tentar agir puramente por dever moral universal em um cenário governado por um adversário (o Diabo) que joga ativamente fora de qualquer lei ou ética, tornando o triunfo da razão prática virtualmente impossível.

3.3. A perspectiva sob a ótica de Spinoza ([1677] 2008)

Ao aplicar os preceitos da Parte IV da *Ética*, o quadro revelou-se como o retrato da "servidão humana". Identificou-se que a postura de pavor do jovem é o resultado direto da sua submissão aos afetos tristes, especificamente o medo. Sob essa ótica, o tabuleiro deixou de ser um espaço de livre escolha e foi observado como a representação do determinismo implacável da Substância (Natureza). O jovem acredita que possui livre-arbítrio para mover as suas peças, mas os resultados indicaram que ele é apenas uma engrenagem sofrendo as coerções necessárias e inevitáveis causadas pela força superior das paixões, corporificadas na figura predatória de Mefistófeles.

3.4. A perspectiva sob a ótica de Nietzsche ([1887] 1998; [1889] 1987)



Sob a lente da *Genealogia da Moral* e de *O Crepúsculo dos Ídolos*, a leitura da tela sofreu uma inversão radical. Observou-se a figura de Mefistófeles não como a encarnação do mal, mas como a afirmação da força vital, do instinto e da "moral dos senhores". O jovem, paralisado e enfraquecido por suas peças virtuosas, foi diagnosticado com o sintoma patológico da "moral dos escravos". Além disso, a inércia letárgica do anjo ao fundo e a sua recusa em intervir na partida foram identificadas visualmente como o atestado de decadência dos valores socrático-cristãos e a confirmação pictórica da "morte de Deus".

3.5. A perspectiva sob a ótica de Sartre ([1943] 1993)

Extraíndo os conceitos de "*O ser e o nada*" (*El ser y la nada*), o foco da observação voltou-se inteiramente para o isolamento do sujeito. A mão do jovem amparando a cabeça e o seu olhar vidrado foram categorizados como a manifestação pura da "angústia" existencial. Verificou-se que, na ausência de socorro divino (o anjo mudo), o jovem confronta a vertigem de estar "condenado a ser livre". Qualquer tentativa de culpar as regras injustas do Diabo, ou de esperar passivamente que o anjo tome uma atitude para salvá-lo, foi identificada, sob esta lente, como um ato de "má-fé", uma fuga da sua própria responsabilidade perante o tabuleiro da vida.

3.6. A perspectiva sob a ótica de Camus ([1942] 2010)

Através de *O Mito de Sísifo*, a decodificação iconográfica concentrou-se na base da estrutura. O sarcófago adornado por crânios, sobre o qual o tabuleiro está perigosamente equilibrado, foi evidenciado como a figuração definitiva do "Absurdo". Constatou-se que todo o desespero do jovem pelas peças é um esforço vão (como empurrar a pedra de Sísifo), uma vez que o destino final, a morte suportada pelo sarcófago, já está selado e engolirá a todos. A partida, portanto, foi observada como um cenário absurdo onde a única postura possível não seria o triunfo estratégico, mas a "revolta consciente": o ato de aceitar a finitude e continuar jogando com desprezo pelas contingências.

4. DISCUSSÃO

A tela *Os Jogadores de Xadrez*, ao materializar o embate entre a fragilidade humana e o poder avassalador de Mefistófeles sob o olhar inerte do sagrado, configurou-se como uma arena propícia para a investigação das fraturas da subjetividade. A discussão dos resultados obtidos na decodificação iconográfica exigiu que as lentes interpretativas isoladas fossem colocadas em tensão. Nesse sentido, a pintura deixou de ser um objeto estático para operar como um texto visual onde as exigências metafísicas e morais colidiram violentamente com o determinismo material e a finitude, revelando a crônica do

colapso do livre-arbítrio na modernidade. A obra Os Jogadores de Xadrez em alta qualidade pode ser contemplada a seguir na Figura 1.

Figura 1. Obra Os Jogadores de Xadrez de Friedrich August Moritz Retzsch



Fonte: Retzsch ([1831] 2025).

4.1. Eixo 1: A tese do peso do ideal inatingível e a coerção do dever

No primeiro momento dialético, tensionou-se a posição do jovem protagonista perante o arcabouço teológico e moral que o formou. A partir da identificação do anjo como a representação do Mundo Inteligível, segundo o dualismo de Platão ([c. 380 a.C.] 2000), compreendeu-se que o jovem sofre pelo distanciamento da perfeição ideal. Ele encontra-se acorrentado ao tabuleiro, que aqui opera

8



como o 'fundo da caverna' (Mundo Sensível), onde sua atenção está hipnotizada pelas peças (sombras), impedindo-o de contemplar a luz da verdade que o anjo encarna. Essa paralisia evidencia que sua agência está limitada à manipulação de simulacros da realidade.

Contudo, essa aspiração platônica foi agravada pela coerção analisada sob a ótica de Kant ([1785] 1988). A pintura demonstra a aporia do Imperativo Categórico Kantiano: o jovem tenta agir por dever puro em um cenário onde o adversário (Mefistófeles) ignora qualquer legislação moral universal. O esmagamento do protagonista ocorre porque, na prática, a moralidade das peças brancas torna-se uma vulnerabilidade estratégica diante da amoralidade absoluta do Diabo, inviabilizando o triunfo da razão prática no campo material. Exigiu-se dele que movesse suas peças brancas sob o rigor do Imperativo Categórico, agindo estritamente por dever universal. No entanto, a pintura demonstrou a impraticabilidade dessa exigência moral quando o indivíduo é forçado a jogar contra uma força (o Diabo) que opera ativamente fora de qualquer lei ética. O jovem foi, portanto, esmagado não apenas pelo adversário, mas pelo peso insuportável das suas próprias virtudes.

4.2. Eixo 2: A antítese no choque do determinismo e a ruptura dos valores

A antítese promoveu a ruptura do ideal moral, inserindo a obra no domínio da matéria e da força. Ao confrontar a agonia kantiana do jovem com o fatalismo naturalista de Spinoza ([1677] 2008), verificou-se que a crença no livre-arbitrio durante a partida não passou de uma ilusão. A postura de pavor do humano ilustrou a sua servidão passiva aos afetos (o medo), comprovando que suas ações no tabuleiro já estavam irremediavelmente determinadas pela ordem universal necessária. O Diabo, nesse embate, não operou como uma entidade mística maléfica, mas como a corporificação implacável das leis da natureza que engolem o sujeito ignorante de suas causas. Para Spinoza ([1677] 2008), o jovem é o exemplo vivo do homem sob servidão: aquele que é conduzido por causas externas que ele não compreende, transformando sua angústia em uma prova da impotência da vontade perante a necessidade da Substância.

A desconstrução atingiu o seu ápice ao se introduzir a crítica de Nietzsche ([1889] 1987; [1887] 1998) contra a letargia do anjo e a fraqueza do jovem. O embate direto com o Eixo 1 revelou que as virtudes que o jovem tentou preservar (esperança, religião, paz) foram diagnosticadas visualmente como sintomas da "moral dos escravos", uma tentativa doentia de refrear a vida. Conforme a crítica literária de Nietzsche ([1887] 1998), tais virtudes operam como mecanismos de enfraquecimento criados especificamente para demonizar e conter a força vital. Mefistófeles, com sua astúcia e domínio sobre o jogo, emergiu na discussão como o portador da "moral dos senhores", a afirmação pura da vontade de potência. A inércia do anjo platônico ao fundo não foi lida como uma provação divina, mas como a atestação peremptória de que os ídolos ruíram, conduzindo à conclusão inexorável de que "Deus está morto", deixando o humano à mercê de seus próprios instintos.



4.3. Eixo 3: A síntese da angústia frente ao absurdo e a necessidade de revolta

Com a queda da proteção teológica (Eixo 1) e o esmagamento promovido pelas forças naturais e instintivas (Eixo 2), a síntese voltou-se para os escombros existenciais do jovem, utilizando o referencial existencial e absurdista. Ao se aplicar os preceitos de Sartre ([1943] 1993), argumentou-se que o terror estampado no rosto do protagonista é a verdadeira manifestação da "angústia". Percebeu-se que ele está condenado à própria liberdade; não há essência prévia ou anjo que o salve das consequências do seu xeque-mate. Qualquer esperança do jovem em um milagre ou justificativa de que o Diabo trapaceou configurou-se, na discussão, como um ato de "má-fé".

O desfecho do embate consolidou-se na interpretação do sarcófago sob a ótica de Camus ([1942] 2010). O debate culminou na constatação de que toda a tensão moral e determinista desenvolvida durante a partida esbarra na finitude inescapável. O sarcófago provou que a morte é o destino final de ambos os jogadores, tornando a partida e o desespero do jovem estruturalmente "absurdos". A síntese demonstrou que a única saída filosófica honrosa para o jovem na pintura não seria encontrar uma jogada magistral para vencer a morte ou o Diabo, mas assumir a "revolta consciente" perante seu destino; é, portanto, reconhecer o absurdo da sua condição e erguer a cabeça, abraçando o seu destino com total desprezo pelos deuses e demônios que desenharam o tabuleiro da vida, atitude que Camus ([1942] 2010) define na literatura existencial como a verdadeira paixão do homem absurdo: viver sem apelação.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo demonstrou que a obra *Os Jogadores de Xadrez*, de Moritz Retzsch, ultrapassa a superficialidade de uma ilustração teológica sobre o embate folclórico entre o Bem e o Mal. Através da aplicação do método hermenêutico-dialético, concluiu-se que a pintura opera como um microcosmo visual da crise da subjetividade, antecipando materialmente o colapso do livre-arbitrio e o esmagamento do indivíduo perante as forças contingenciais e deterministas que debateram a filosofia ocidental.

A trajetória analítica evidenciou que o colapso psicológico do jovem protagonista não derivou exclusivamente da astúcia de Mefistófeles, mas da intersecção de três vetores esmagadores. Primeiramente, constatou-se a falência do ideal metafísico e do dever moral absoluto, uma vez que o rigor das virtudes nas peças brancas se provou inócuo diante de uma realidade material que opera fora de qualquer regra ética. Em seguida, a ilusão da agência humana foi desconstruída pelo determinismo e pela força do instinto, revelando que o pavor do jovem atestava a sua servidão aos afetos e a sua submissão perante a inexorabilidade do tabuleiro.



Por fim, o tensionamento dessas contradições culminou no diagnóstico existencial do isolamento. Verificou-se que a ausência de intervenção da figura celestial deixou o humano confinado à vertigem da sua própria liberdade e responsabilidade. O detalhe arquitetônico e iconográfico do sarcófago, sustentando o peso do jogo, consolidou a tese de que a partida é estruturalmente absurda, pois o destino final de todos já se encontra selado pela finitude material no tabuleiro da vida.

Assim, inferiu-se que a grande contribuição filosófica extraída da decodificação da tela não residiu na busca hipotética por uma manobra estratégica vitoriosa contra o determinismo, mas na escara existencial deixada pela morte iminente. A obra, traduzida por estas lentes, convoca o observador a abandonar as ilusões e a esperança em um resgate externo, assumindo o peso de suas escolhas e abraçando a revolta consciente: a postura trágica e lúcida de quem reconhece o absurdo da sua condição e, ainda assim, sustenta o olhar perante o abismo.

DECLARAÇÃO FORMAL DE CONFLITOS DE INTERESSE

Os autores deste estudo em sua totalidade declaram não haver nenhum tipo de conflito de interesse.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998**. Altera, atualiza e consolida a legislação sobre direitos autorais e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, [1998]. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9610.htm. Acesso em: 11 jan. 2026.
- CAMUS, A. **O mito de Sísifo**. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. 8. ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.
- CELLARD, A. Análise Documental In: **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 295-316.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2022.
- KANT, I. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. Tradução de Paulo Quintela. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988. p. 195-256. (Coleção Os Pensadores).
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia do trabalho científico**. 9. ed. São Paulo: Atlas, 2021.
- MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 14. ed. São Paulo: Hucitec, 2014.



REVISTA CIENTÍFICA - RECIMA21 ISSN 2675-6218

O TABULEIRO SOBRE O SARCÓFAGO: UMA ANÁLISE HERMENÊUTICO-DIALÉTICA DO COLAPS
O DO LIVRE-ARBITRIO EM 'OS JOGADORES DE XADREZ' DE MORITZ RETZSCH

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica.** Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NIETZSCHE, F. **O crepúsculo dos ídolos, ou, Como filosofar com o martelo.** Tradução de Rubens Rodrigues Torres Filho. Obras incompletas. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987. (Coleção Os Pensadores). p. 337-354.

PANOFSKY, E. **Significado nas artes visuais.** 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2007.

PLATÃO. **A República.** Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3. ed. Belém: EDUFPA, 2000. p. 389-433.

RETZSCH, F. A. M. **Die Schachspieler** [Os Jogadores de Xadrez]. 1831. pintura, óleo sobre painel, 32,3 x 39 cm. Coleção particular, 2025. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Frederich_August_Moritz_Retzsch.jpg. Acesso em: 17 jan. 2026.

SARTRE, Jean-Paul. **El ser y la nada:** ensayo de ontología fenomenológica. Tradução de Juan Valmar. Buenos Aires: Losada, 1993.

SPINOZA, B. **Ética.** Tradução e notas de Tomaz Tadeu. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 259-353.

